

## A estrutura orgânica da comunidade: contribuições de Edith Stein em *Indivíduo e Comunidade*

*The organic structure of the community: contributions of Edith Stein in "Indivíduo e Comunidade"*

**Gabriel Mauro da Silva Rosa**

Graduado em Letras (UNIPAM).

E-mail: [gmauros@gmail.com](mailto:gmauros@gmail.com)

---

**Resumo:** Entender as formas sociais e a sua implicância na formação humana é muito importante, pois é indissociável da pessoa. Assim, se elimina o aspecto social, elimina algo de seu ser. Nessa perspectiva, o presente estudo buscou responder aos seguintes questionamentos: *O que é a comunidade? Como ela se estrutura? O que a distingue das demais formas sociais?* Partindo da obra fenomenológica de Edith Stein, *Indivíduo e Comunidade*, descobriu-se que a comunidade estrutura-se de forma orgânica por meio da relação recíproca entre os indivíduos, vistos como sujeitos, e não como objetos, como ocorre na sociedade. Na massa, ocorre o contágio psíquico, os indivíduos não se relacionam de forma crítica, mas se deixam arrastar, por exemplo, pelas ideias de um líder. Na comunidade, há uma corrente de vivências, que é enriquecida por meio da singularidade de cada indivíduo. Há membros que são os seus portadores de vida, seu núcleo, sua energia vital, mas há também aqueles que tomam dela mais do que contribuem. Por meio da abertura de uns para com os outros, os indivíduos também constroem fontes objetivas, que também alimentam a energia vital da comunidade. Por tudo isso, somente na comunidade o ente humano poderá receber uma genuína formação.

**Palavras-chave:** Comunidade. Sociedade. Formação. Edith Stein. Fenomenologia.

**Abstract:** Understanding social forms and their implication in human formation is very important because it is inseparable from the person. Thus, if you eliminate the social aspect, it eliminates something from your being. From this perspective, the present study aimed to answer the following questions: *What is community? How does it structure? What distinguishes it from other social forms?* From the phenomenological work of Edith Stein – *“Indivíduo e Comunidade (Individual and Community)”*- it was discovered that the community structures itself organically through the reciprocal relationship between individuals, seen as subjects, and not as objects, as in society. In the mass, the psychic contagion occurs, the individuals do not relate critically, but are allowed to drag, for example, by the ideas of a leader. In the community, there is a chain of experiences, which is enriched through the individuality of each individual. There are members who are their life bearers, their core, their vital energy, but there are also those who take more of it than they contribute. Through openness to each other, individuals also construct objective sources, which also sustain the vital energy of the community. For all this, only in the community can the human being receive a genuine formation.

**Keywords:** Community. Society. Formation. Edith Stein. Phenomenology.

---

## 1 Considerações iniciais

Ao responder à pergunta *o que é o homem*, Stein descobriu que a dimensão espiritual é o que o permite ser social. Desse modo, entender as formas sociais e a sua implicância na formação humana é muito importante, pois é indissociável da pessoa. Assim, se elimina o aspecto social, elimina algo de seu ser, pois “sua existência é existência em um mundo, sua vida é vida em comum” (STEIN, 2002, p. 163). Nessa perspectiva, buscar-se-ão, neste estudo, respostas para os seguintes questionamentos: *O que é comunidade? Como ela se estrutura? O que a distingue das demais formas sociais? Qual a sua importância para a formação do ente humano?*

No mundo, encontramos comunidades reais que se configuram de diversas maneiras: famílias, povos, comunidades confessionais etc. Hipotetiza-se que a comunidade é a forma social que oferece maior contribuição para o desenvolvimento da pessoa, não sendo esta explorada para um fim, vista como objeto, como acontece dentro da sociedade. Nas relações comunitárias, o homem contribui e recebe influências de outros indivíduos (há uma troca espiritual), não só para a sua formação, como também para a formação da própria comunidade. É nela que o indivíduo se estabelece e desenvolve suas potencialidades.

Para resolver a problemática do presente estudo, partiu-se da obra *especificamente fenomenológica* de Stein: seu estudo *Indivíduo e Comunidade*, que é complemento de sua primeira pesquisa – *Causalidade Psíquica*. Além da energia vital sensível, Edith encontrou outro tipo de energia, fora do *fluxo das vivências*, e direciona a pesquisa para este novo fenômeno em *Indivíduo e Comunidade*. Será utilizada também a sua obra *A Estrutura da Pessoa Humana*. As citações de Stein traduzidas para o português no corpo do texto baseiam-se nas traduções do texto original em alemão para o espanhol. Outro estudioso de seu pensamento é citado, na medida em que seus estudos e percepções facilitam a explicitação de suas reflexões.

No tópico dois, far-se-á uma breve síntese de seu primeiro estudo, *Causalidade Psíquica*. Por conceber uma visão social comunitária por analogia à pessoa, é importante uma visão do que é elaborado neste estudo, para que se possa compreender a estrutura da comunidade. No tópico três, uma síntese das diferentes formas sociais apresentadas por Stein na introdução de *Indivíduo e Comunidade*; no tópico quatro, a explicitação da estrutura da comunidade e, por fim, os resultados da pesquisa.

## 2 A lei da psique e a lei do espírito

Partindo das próprias vivências das quais temos consciência, Stein diferencia a psique da corrente original constituída da consciência, não tendo sentido falar aí de causalidade, pois “a corrente original da consciência é um puro fazer-se, a vivência flui para adiante em constante geração se adicionando nova vivência, sem que se possa perguntar ‘por meio de quê’ se gera (= se causa o devir)” (STEIN, 2005, p. 224). A *corrente constituída* é concebida por fases, e cada fase pressupõe as anteriores. A filósofa procura resolver problemas relacionados aos discursos de sua época sobre a psique, como, por exemplo, a ideia de que as fases da corrente estariam vinculadas, o que não

tem sentido, pois elas se manifestam como uma *associação* de diversos gêneros de vivências (percepção, recordação, audição, sensação de bem-estar etc.) de forma concomitante. Mais à frente, concebe de modo estratificado, porém unitário, aquilo que acontece em nós, internamente.

Em toda vivência distinguimos primeiramente: 1 – um conteúdo que é recebido na consciência (por exemplo, um dado relativo a uma cor ou a um sentimento de bem-estar). 2 – A vivência desse conteúdo, sua acolhida na consciência (o ter a sensação, o sentir o bem-estar). 3 – A consciência desta vivência que o acompanha sempre – em maior ou menor grau – e pela qual a vivência mesma é designada também como consciência (STEIN, 2005, p. 232).

A fenomenóloga descobre os *estados vitais*, os *sentimentos vitais*, a *consciência* e uma *qualidade real* permanente: a *energia vital*. “O eu, que se encontra em posse dessa qualidade real, não deve ser confundido, de modo claro, com o ‘eu puro’, com o ponto de irradiação das vivências puras vivenciadas originalmente” (STEIN, 2005, p. 237). A energia vital permite falar de causalidade no âmbito da psique, pois ela é a causa do acontecer psíquico. O efeito consiste na mudança que ocorre nas demais vivências, por causa de sua influência. Ao me esforçar em uma reflexão que me exige grande esforço intelectual, por exemplo, isto me custará certo dispêndio de energia vital, provocando uma mudança – do frescor ao cansaço.

Mudando de perspectiva, Stein descobre outra classe de fenômenos: o eu que estava *escondido* no fluxo se dirige para aquilo que lhe acontece, “[...] se ‘dirige’ para algo que se apresenta a ele [*intentio*], se convertendo em objeto” (STEIN, 2005, p. 252). Eis uma nova classe de fenômenos – a classe das *apreensões* ou dos *atos*; com eles começam a vida espiritual. A *motivação*, lei do espírito, não nos acontece de modo passivo, pois é um “‘*liame de atos*’, um vínculo” (BELLO, 2015, p. 55). Stein faz uma análise rigorosa de todos os *atos intencionais*, ou seja, atos superiores (espirituais), os quais possuem uma motivação. Na apreensão, por exemplo, não “fazemos uma apreensão única, mas uma apreensão que vai acrescentando dados: chama-se *apercepção*” (BELLO, 2015, p. 54). Stein contempla as diversas classes de vivências intencionais que podem entrar em relação com a *motivação*, identificando aquilo que lhes é peculiar e se tem realmente sentido falar de *motivação* em cada ato analisado (como, por exemplo, nas tendências, nas tomadas de posição etc.).

Progredindo no estudo da causalidade psíquica, concebe uma *engrenagem* entre *causalidade* e *motivação*, que, mesmo possuindo qualidades distintas, cooperam entre si.

Como unidades constituídas na corrente original, os atos, o mesmo que os dados examinados anteriormente, estão condicionados no ritmo de seu transcurso e em seu “colorido” pela mudança dos sentimentos vitais. Precisamente, essas vivências que são “realizadas” em sentido próprio, mostram com peculiar clareza a “energia de tensão” do vivenciar. Quando me sinto com maior frescor, tanto mais “desperto” se encontra meu “olho espiritual”, tanto mais intensa é a direção para os objetos, tanto mais viva é a apreensão. Mais ainda, é necessária certa medida de energia vital para que se possa desenvolver, em geral, qualquer atividade do eu, para que um ato possa

começar a existir. Por esse modo, há de se considerar que a aparição mesma de atos está condicionada causalmente. E isto se aplica por igual a todos os atos (STEIN, 2005, p. 287).

A fenomenóloga oferece um quadro completo da dependência fenomênica entre *psique* e *espírito*. Descobre também outras influências de energias, que não nascem na corrente, mas que estão fora dela, capazes de dar um *novo colorido* à corrente vital, resgatando a força vital perdida. Em um cansaço, (exemplo dado pela filósofa), me sinto desfalecido, sem forças para prosseguir adiante. Tomo então em minhas mãos um livro e recorro a uma poesia que me traz alegria e me sinto maravilhado por sua beleza. Pode ser que no início seja difícil (devido à pouca energia vital), mas, prosseguindo na leitura, sentir-me-ei renascido para empreender uma nova atividade vital. Além de exemplos objetivos, considera também energias intersubjetivas.

Algo parecido pode suceder nas relações de uma pessoa com as outras. O amor com quem eu abraço uma pessoa pode ser capaz de preencher esta pessoa de nova energia vital, quando a sua fracassa. Mais ainda, o mero contato com pessoas de intensa vitalidade é capaz de exercer uma influência animadora sobre a pessoa cansada ou esgotada, uma influência que não pressupõe nenhuma atividade por parte dela. Não desejo estender mais sobre o assunto, ao qual é necessário dedicar um estudo específico (STEIN, 2005, p. 298).

Até aqui, os resultados servem de apoio para a compreensão da estrutura orgânica da comunidade. Antes de prosseguir com as especificidades das diferentes formas sociais – *massa, sociedade e comunidade* – é necessária uma breve exposição sobre o *núcleo, alma da alma*, desenvolvido por Stein em *Causalidade Psíquica*.

### 2.1 O núcleo – alma da alma

De acordo com Stein, para que se possa *prever* qual será a energia vital do indivíduo, é necessário também o conhecimento sobre o *núcleo* (a *alma da alma* vista de modo unitário – psique e espírito). O núcleo é o princípio de identidade da pessoa, o “elemento último profundo [que] representa aquilo que diz respeito às características absolutamente singulares. Esse núcleo identitário não se desenvolve, mas dá a direção, como se indicasse a estrada ao espírito e à psique” (BELLO, 2015, p. 83).

Cada pessoa, ao nascer, traz consigo este princípio, que é o que a singulariza, a “imutável consistência de seu ser que não é resultado da evolução, senão que – ao contrário – prescreve o curso da evolução” (STEIN, 2005, p. 306). No próximo tópico, explicitar-se-ão as diferentes formas sociais concebidas por Stein em *Indivíduo e Comunidade* – a diferença entre a massa e a sociedade.

### 3 A massa e a sociedade

Antes de entender a estrutura orgânica da comunidade e de sua importância para a formação da pessoa, é importante uma sucinta reflexão sobre a exposição de Stein acerca de outras formas sociais, como a *massa* e a *sociedade*, na qual ela tem

presente outras reflexões, como, por exemplo, o estudo de *Ferdinand Tönnies* e de sua obra *Comunidade e Sociedade*, bem como outros estudos.

A investigação sobre a causalidade psíquica concebeu primeiramente a psique individual como um microcosmos, como um mundo em si. [...] Vimos que o “mecanismo” do acontecer psíquico não está fechado em si. A energia vital que o mantém em funcionamento, experimenta influências “desde o exterior”. E há de se estudar estas influências até chegar às suas fontes, se é que queremos alcançar uma compreensão da psique individual, em todos os seus aspectos. (STEIN, 2005, p. 343).

Edith entende a massa diferente da sociedade e da comunidade, pois nesta não funciona uma vida espiritual, mas meramente psíquica. Na massa, os indivíduos se conformam uns com os outros por *contágio psíquico*, uma espécie de “sugestão, que pode predominar também na sua dimensão espiritual e subjugar-la” (BELLO, 2000, p. 170). Pode ocorrer, por exemplo, de um indivíduo tido como o guia da massa (o líder ou o governante), exterior às ideias da mesma, dominá-la. Por parte dos indivíduos da massa, faltam-lhes a motivação e uma tomada de posição consciente.

Os indivíduos que estão juntos na massa, não adotam, em geral, uma atitude ante os outros, não se consideram meramente como objetos, o qual é característico, em mudança, da sociedade, nem se entregam reciprocamente como sujeitos que vivem comunitariamente; não realizam, tampouco, atos sobre o fundo de uma possível unidade de compreensão (STEIN, 2005, p. 451).

Ao contrário da massa, ocorre na sociedade uma espécie de “vinculação racional e mecânica” (STEIN, 2005, p. 344), sendo os indivíduos considerados para a finalidade desta; são vistos como objetos para um fim. Edith oferece como exemplo a atitude do *homem social* – o demagogo, que submete os indivíduos a seus próprios fins pessoais. “Ele os observa, como o navegante observa o vento e as ondas, com os quais há de contar, ou como o toureiro, que observa o touro, tratando de descobrir quais os seus pontos fracos” (STEIN, 2005, p. 344).

Contudo, para Stein, não é possível haver sociedade, sem antes ter ocorrido primeiro uma atitude comunitária. Por exemplo: se o demagogo quer considerar os indivíduos para seus próprios fins, ele deve considerá-los primeiro como sujeitos (que é uma atitude comunitária), ele deve estar “familiarizado com a *vida interior* destas pessoas” (STEIN, 2005, p. 345). A sociedade tem um começo e um fim, com uma estrutura própria, na qual os indivíduos assumem, em seu interior, um papel específico. Há uma *racionalização* nas relações, ao contrário do que ocorre na comunidade. No próximo tópico, será feita a exposição sobre a estrutura orgânica da comunidade e a sua implicância na formação do indivíduo.

#### **4 A estrutura orgânica da comunidade**

A comunidade, vista como uma conexão orgânica, pode ser compreendida por meio de um paralelo entre o sujeito singular e o comunitário.

#### 4.1 A corrente de vivência comunitária

Em seu estudo, Stein faz uma análise essencial da comunidade, contemplando o *interior* da mesma. Dessa forma, parte daquilo que “nós experimentamos como membros da comunidade” (STEIN, 2005, p. 347).

Viu-se, no tópico dois, que a pensadora começa a pesquisa analisando a estrutura do ente humano e se dedica, posteriormente, à análise das formas sociais. Compreendendo a estrutura da pessoa, compreende-se também, por um lado, a estrutura da comunidade, vista como uma “vinculação natural e orgânica” (STEIN, 2005, p. 344).

Edith parte do *eu puro*, que, mesmo possuindo uma só corrente de vivências, fechada em si, é capaz de entrar em *comunhão de vida* com outros sujeitos, se convertendo em membro de um *sujeito supraindividual*. Contudo, não há na comunidade um *eu* análogo ao *eu puro*, pois a vivência não brota do sujeito comunitário, mas de cada sujeito individual que a constitui. “O grupo é o sujeito da vivência comunitária, que vive em nós, os diversos sujeitos individuais que pertencem a ele. Este sujeito, o sentimos afetados em nós, quando temos uma vivência comunitária” (STEIN, 2005, p. 347).

Diferente da sociedade, onde o indivíduo é “uma *mônada* sem janelas” (STEIN, 2005, p. 344), na comunidade o indivíduo aceita outrem como sujeito, “está diante dele, como também *vive com ele* e é determinado por seus movimentos vitais” (STEIN, 2005, p. 344). A comunidade não absorve a pessoa. Os indivíduos, com sua singularidade, são importantes para que se possa formar a *corrente de vivências da comunidade*. A filósofa não considera a união dos indivíduos como aquilo que se manifesta

[...] Como uma entidade supra-individual em sentido metafísico, por exemplo, segundo a proposta de Hegel, mas é a conexão profunda que nasce da força psíquica ou espiritual do indivíduo, a qual interage com aquela dos outros; pela qualidade da interação nasce a possibilidade ou não da comunidade, que pode ser obviamente sempre ameaçada pela desagregação e pela oposição (BELLO, 2000, p. 168).

O indivíduo tem suas próprias vivências com conteúdos individuais (como o luto pela perda de uma pessoa conhecida somente por ele), mas também possui vivências e conteúdos comunitários (conforme exemplifica a própria Stein: o luto que uma tropa sofre pela perda de seu capitão).

O luto [sofrido pela perda do capitão, conforme o exemplo] é um conteúdo individual que eu sinto, porém *não é só isso*. Este luto tem um *sentido*, e em virtude deste sentido exige algo que esteja mais além da vivência individual, algo que exista objetivamente, pelo qual está fundado racionalmente (STEIN, 2005, p. 349).

Stein concebe a diferença entre o *núcleo de sentido* e a *envoltura especial* que este sentido assume na vivência de tal ou qual eu. Dessa forma, o núcleo de sentido é o

mesmo para todos os que experimentam a vivência comunitária (o luto pela perda do capitão), porém cada indivíduo vivencia de modo individual esse sentido. Assim como no eu individual, o *conteúdo* da vivência comunitária passa por diversas oscilações qualitativas dentro de sua unidade.

[...] Tampouco este conteúdo é uma coisa pontual, senão que vai crescendo em uma continuidade do vivenciar ao longo de uma duração e mostra várias oscilações qualitativas dentro de sua unidade. Só que neste caso, [...] vemos que toda uma série de correntes de consciência coopera eventualmente nele (STEIN, 2005, p. 349-350).

Pode ser que o *conteúdo de sentido* exigido pela perda do capitão (o luto, a tristeza) não seja vivido adequadamente pelos indivíduos, ou que somente um sinta o luto requerido por seu conteúdo de sentido. Apesar de este conteúdo encontrar resposta somente neste indivíduo, as vivências dos demais não são eliminadas. Stein (2005) faz uma analogia a uma *constituição paralela* individual: em uma obscuridade tenho diante de mim um objeto. Por princípio, imagino ser uma pessoa acorrentada, depois imagino ser um animal, por fim, me dou conta de que se trata de uma placa indicadora da estrada. Os *dados depreciados* contribuem para a constituição final – o *conhecimento claro e distinto da placa*. Na comunidade, as vivências de todos os seus constituintes (independente das oscilações) são importantes para que se realize o *conteúdo de sentido* da vivência comunitária.

[...] A vivência comunitária, tanto em seu aspecto noético quanto em seu aspecto noemático, está constituída pelas vivências dos indivíduos participantes. Conforme se encontrem ou não se encontrem sujeitos individuais cuja vivência faça justiça às exigências do conteúdo, podemos afirmar da comunidade mesma que ela sente ou não sente devidamente o luto. E ademais, a nota individual das distintas vivências constituintes determina a peculiaridade noética especial da vivência comunitária (STEIN, 2005, p. 352).

Entretanto, a comunidade não possui uma consciência desta vivência (ou uma corrente de consciência), que é própria somente de cada indivíduo dentro dela.

O indivíduo vive, sente, atua como membro da comunidade e, na medida em que faz isso, a comunidade vive, sente e atua nele e por meio dele. Porém, quando ele chega a ser consciente de seu vivenciar ou reflete sobre ele, em mudança, não é a comunidade que é consciente do que ela vivencia, senão que o indivíduo chega a ser consciente do que a comunidade vivencia nele (STEIN, 2005, p. 353).

Stein examina a vivência comunitária de modo profundo; vivências de caráter propriamente individual (vivências puramente sensoriais) e aquelas que podem se constituir como vivências supraindividuais (experiência, sensações, percepções etc.). Como possibilidade de vivência comunitária, Stein concebe, por exemplo, a fantasia: “também nos ‘fantasmas’ existe um curso regulado, que faz possível a constituição de

objetos [...]” (STEIN, 2005, p. 362). Cada sujeito possui suas próprias fantasias. Porém, há fantasias que se constituem como *patrimônio comum*, como, por exemplo, *A Bela Adormecida* e *a Chapeuzinho Vermelho*, que constituem um patrimônio alemão, assim como nós também possuímos nosso patrimônio comum, como, por exemplo, os contos de nosso folclore.

Os personagens dos contos da fantasia possuem suas características bem determinadas, assim como uma personalidade. Na vivência da fantasia, há vários sujeitos intuitos, porém uma só intenção. Referimo-nos, por exemplo, a um só castelo da Bela Adormecida, porém quando o representamos intuitivamente, teremos vários objetos intuitivos e também vários sujeitos intuitos. A intuição da fantasia não oferece o objeto pensado, mas o representa, e cada indivíduo o representa à sua maneira. Ao contrário, em uma percepção, em virtude do material sensível existente, a apreensão aparece independentemente do sujeito, sem vínculos com o seu arbítrio. Na fantasia, os *fantasmas* vivem graças ao sujeito. Contudo, por ser uma ação espiritual, a fantasia está plena de sentido, logo, poderá se estender para além da individualidade e se constituir como *patrimônio comum*. Conforme Stein (2005, p. 364),

todo sentido é fundamentalmente acessível de maneira universal, e onde eu procedo criando sentido, onde se me constitui um sentido, ali esse sentido existirá não só para mim, senão também para outros (ou seja, esse sentido pode ser reproduzido por outros) – e ali também é possível também a cooperação de uma pluralidade de indivíduos.

Pode ocorrer de as fantasias (assim como um determinado âmbito de coisas ou valores) terem validade universal somente para uma comunidade. Um exemplo é o valor da piedade – um patrimônio hereditário de uma família. Para a filósofa,

a corrente de vivências desta comunidade está fechada em si mesma e está separada de outras correntes. Porém, deve-se acentuar que cada um destes objetivos que guardam relação com um indivíduo ou com uma comunidade mais estreita, chega a ser em sua relatividade, um absoluto. A cada objeto relativo e ao indivíduo ou à comunidade com a qual está relacionado, pertencelhes – segundo a ideia – uma consciência cognoscente que abrange ambos (STEIN, 2005, p. 378).

É possível constatar o caráter orgânico da comunidade, que, conforme Stein, é portadora de uma vida que se realiza a partir de seus membros. Como se viu, a vida originalmente gerante da corrente da consciência constituinte não é própria da comunidade, mas de cada indivíduo. Contudo, a comunidade possui uma unidade de vivências constituídas que pode mostrar também *espaços vazios*.

É possível que a vida da comunidade se paralise por completo em alguns trechos; que durante algum tempo *nenhum* dos indivíduos que pertencem a ela, vivam como membros da comunidade. Isto não significa que com isso se interrompa o ser da comunidade. Se a vida da comunidade começa de novo, então essa vida não aparece como um novo começo, senão que volta ao fio do

antigo. Se há mantido em repouso, mas não cessado de existir (STEIN, 2005, p. 379).

Em seu estudo sobre a *Causalidade Psíquica*, Stein descobriu que as vivências do indivíduo se conectam através da *associação*, da *motivação*, da *ação da vontade* e da *causalidade*. Em *Indivíduo e Comunidade* ela analisa quais as formas de conexão retornam na corrente de vivência comunitária, sempre de forma analogante com respeito ao analogado principal – o ente humano. De acordo com a fenomenóloga, não há uma fusão original no âmbito das vivências comunitárias que surgem conjuntamente, pois semelhante surgir conjunto, que o exige tal fusão, não pode surgir na vivência comunitária.

Quando vivências de diversa índole se fundam na corrente original, isso tem sua razão de ser em que tais vivências devem sua origem a *um só* impulso gerador, ou também que são nutridas, em seu transcurso, por impulsos geradores comuns (STEIN, 2005, p. 380).

Na comunidade, não existe uma conexão das vivências por meio da *fusão*, pois, conforme exemplifica Stein, a tropa poderá ter o sentimento de luto pela perda de seu capitão, porém se entra em um combate, o sentimento de luto e a ação militar poderão coexistir de maneiras separadas. A tropa vive em ambas as vivências, porém suas moções vitais não se fundam entre si. A vivência comunitária constitui um *complexo*, que “unirá em si vivências separadas” (STEIN, 2005, p. 380).

Em mudança, poderá ocorrer uma conexão das vivências comunitárias por meio da *motivação*. Para que as motivações passem de um sujeito a outro, é fundamental a atitude recíproca; que os indivíduos estejam abertos uns aos outros. É por meio da motivação que ocorre o *intercâmbio de pensamentos* na comunidade. Quando o outro me comunica seu pensamento, abre-me passo a passo a compreensão de sentido que se constituiu originalmente em seu pensamento e quando eu o vivencio plenamente sinto-me impulsionado a *seguir também pensando*, o qual já não será uma mera reprodução, mas uma produção original.

No intercâmbio de pensamentos, há “um pensar conjunto que não se experimenta já como vivência de um ou de outro, senão como *nosso* pensar comum” (STEIN, 2005, p. 382). Dessa forma, ocorre todo o cultivo da ciência de uma comunidade (ou da humanidade), que em virtude do patrimônio já reunido, o indivíduo não só o recebe e o acolhe, mas com o qual também contribui, e que outros também seguirão edificando. “E com esta ação espiritual minha, encontro-me incorporado a uma grande conexão de motivações, ao processo cognoscitivo da humanidade” (STEIN, 2005, p. 382).

Outra forma de conexão da vivência comunitária se dá por meio da *ação da vontade*. Em uma comunidade, por exemplo, o líder poderá estabelecer uma meta; na sua realização colaborarão todos os seus membros. Se há a aceitação e a cooperação dos diversos indivíduos envolvidos na consecução dessa meta, não haverá nenhuma diversidade com respeito à transmissão de motivações: o motivo os impulsiona a querer e a atuar. Porém, pode ser que os indivíduos também não disponham de

energia suficiente para a sua realização, que, por exemplo, poderá ser completada por meio da influência animadora por parte do líder, que lhes dá a direção e os alimenta com sua própria energia (pelo tom sereno de sua voz, com o seu modo peculiar de agir etc.). Quando os indivíduos cumprem e vivenciam a realização dessa meta, esta se torna uma *causa comum*. Contudo, há nesta unidade um fator especial reservado aos indivíduos:

[...] me refiro ao impulso, ao *fiat!* com ele se inicia toda ação livre. Embora eu arraste o outro para que se realize uma ação, que ele, por si mesmo, não seria capaz de fazer; essa pessoa (quando se trata de um fazer ou de um atuar) terá que se entregar com aquele *fiat!* à minha influência (STEIN, 2005, p. 403).

Em uma aceitação consciente, o impulso do *fiat!* é aquele que dá passo do propósito à ação. O propósito é um querer, porém o impulso do *fiat!* é mais forte, pois vai além da intenção; faz com que se realize a ação. O que surge da espontaneidade (dos atos livres) poderá ser uma vivência comunitária, porém em virtude unicamente do eu (ou de uma pluralidade de eus). Pelo fato de a liberdade ser ontológica e própria somente da pessoa, não se pode falar de uma responsabilidade da comunidade da mesma forma em que se fala de uma responsabilidade dos indivíduos, pois ela

não é um sujeito 'livre' e, por isso, não é tampouco 'responsável' no sentido em que são os indivíduos. A suprema responsabilidade de suas ações a têm os indivíduos que atuam em nome da comunidade. E ainda que eles realizem ao serviço da comunidade algo que eles não fariam por motivos pessoais, recai sobre eles todo o peso da responsabilidade e não têm a possibilidade de descarregá-la sobre a comunidade (STEIN, 2005, p. 403).

Para Stein, isto não entra em contradição com a *solidariedade* (fundamental para a comunidade). Cada indivíduo é corresponsável pelos atos dos demais, sem que isto anule o ápice de sua própria responsabilidade. Por ser livre, o indivíduo poderá recusar ou não a participar dos atos comunitários, respondendo por isto pessoalmente. “Claro que é pressuposto de tudo isto que se trate de uma comunidade de *peessoas livres* – podemos dizer também sensivelmente: de pessoas, já que ao ser da pessoa lhe corresponde a liberdade” (STEIN, 2005, p. 404).

Por fim, é possível falar de *causalidade* na corrente de vivências da comunidade? De acordo com Stein (2005, p. 399), na comunidade também “[...] alternam constantemente o frescor e o cansaço, a desconexão e a excitação febril, e com eles se modifica também o ritmo de toda a vivência comunitária e o ‘colorido vital’ de seus conteúdos”. Conforme exemplifica,

o sentimento vital da “sociedade francesa” antes da grande Revolução era o de uma excessiva tensão febril [...]. Com ela, uma intensidade do vivenciar, uma nervosa receptibilidade para todos os conteúdos que surgiram em um fulgor enganoso, e finalmente, em cada um dos membros da comunidade, uma consciência insolitamente alta que tende a se transformar em uma reflexão sobre a vivência comunitária (STEIN, 2005, p. 399-400).

Em se tratando da pessoa, viu-se que ela necessita da energia vital para empreender atos intencionais. *E a comunidade? É possível falar de uma energia vital da comunidade?* Sobre isso tratará o próximo tópico.

#### 4.2 A energia vital da comunidade e as suas fontes

A comunidade é estruturada por meio dos indivíduos, os quais a enriquecem e também são enriquecidos. Consoante a isto, é possível afirmar que somente em uma genuína comunidade o indivíduo poderá alcançar uma verdadeira formação. Nela, há um intercâmbio espiritual, circula uma vida, que parte de cada eu individual.

Sabemos, ademais, que a comunidade dispõe de uma energia vital da qual se nutre seu viver; que os indivíduos contribuem com essa fonte de energia e se nutrem dela, porém que não necessitam viver como membros da comunidade com todas as energias de que eles dispõem (STEIN, 2005, p. 407).

Não há uma energia vital da comunidade, mas uma energia vital de seus elementos que se distribui qualitativamente de diversas maneiras, proporcionando à comunidade impulsos poderosos. Na concepção de Stein, é possível, por exemplo, que alguém em seu círculo de amigos seja o elemento vivificador, mas que, em um partido, não atue de maneira animadora. Há também elementos que a “enriquece pouco, e finalmente, há também membros que tomam da comunidade mais do que contribuem” (STEIN, 2005, p. 413). O estado vital da comunidade dependerá da forma em que os indivíduos dispõem de suas energias. Se esta vem a faltar, a comunidade poderá acolher outros elementos vivificadores ou reclamar de seus próprios elementos as energias que lhe faltam. Consoante a isso, a energia de uma comunidade pode debilitar-se pela perda de elementos, ou pela redução de benefícios que os indivíduos realizam a seu favor.

Um indivíduo pode ser o *elo* de energia para outras comunidades. Para uma classe escolar frouxa e preguiçosa, por exemplo, poderá chegar uma *corrente de ar fresca* na pessoa de um novo professor, não só pelo conteúdo que ele leciona, mas também pelo frescor contagioso que dimana dele. Conforme a abertura de uns para com os outros, ambos constituem uma unidade vital, dentro da qual a energia de cada um é usada em benefício do todo que constituem. Um indivíduo também poderá transmitir a energia de sua comunidade para outras comunidades, de forma que tudo o que afete a uma afete também a outra.

Outra fonte de energia para a comunidade também poderá provir das *tomadas de posição sociais*, das quais nascem os *valores*. Um indivíduo poderá alimentar a energia vital de outro indivíduo por meio de *ações caritativas*, e motivá-lo também a agir por meio de tais ações. O amor que eu encontro me fortalece e me anima a seguir amando; a desconfiança e o ódio, ao contrário, inibem minhas energias. Contudo, é importante salientar os vários fatores determinantes para que as *tomadas de posição sociais* possam vivificar uma comunidade: dependerá do modo peculiar de cada indivíduo a esta resposta e de suas próprias energias, e, principalmente, da relação recíproca e genuína

entre os mesmos. Dos indivíduos também poderão surgir fontes *objetivas* de energia, como, por exemplo, o patrimônio espiritual que eles reúnem ou que recebem de outras comunidades (como, por exemplo, as obras de arte). A energia que dimana dessas fontes pode impulsionar a comunidade a produzir novas energias, alimentando também outras comunidades. De acordo com Stein (2005, p. 429),

aonde quer que se tenha formado uma cultura nacional, aonde quer que exista uma moral consolidada, um direito consolidado, uma poesia como patrimônio comum de um povo, ali os valores existem não só à disposição das almas receptivas, senão que por sua encarnação em obras reais dão já testemunho da receptibilidade e da energia criativa do povo.

No entanto, a comunidade pode contar com várias fontes objetivas de energia e não obter delas nenhum efeito vivificador, se seus membros não possuem a receptividade original ou suficiente energia vital para vivenciá-las. Desse modo, a comunidade dependerá não só da energia vital de seus elementos, como também da disposição originária de cada um deles, por meio dos quais, pela *mirada espiritual*, ela poderá captar determinado âmbito de valores. Para isso, alguns indivíduos podem servir de órgãos para a comunidade, aqueles que possuem “[...] uma sensibilidade mais delicada, uma vitalidade maior que a do comum das pessoas” (STEIN, 2005, p. 431). É preciso que os demais elementos lhes sejam receptivos e que vivam como membros da comunidade, do contrário, não poderão enriquecer-se. “É também importante que aqueles que têm os olhos bem abertos para o mundo dos valores, vivam como membros da comunidade, em interação vital com seus demais elementos” (STEIN, 2005, p. 431-432).

Consoante a isso, pode se afirmar, também, por analogia à pessoa, que a comunidade possui um *núcleo*, a partir do qual se plasma seu caráter. São os seus portadores de vida, que indicam a direção para que a comunidade possa se desenvolver e frutificar. “Quanto mais numerosos sejam os portadores que apoiem a uma comunidade e quanto mais extensa seja a entrega que façam de si à comunidade, tanto mais sólida será a existência da mesma e tanto mais segura será sua manifestação ao exterior” (STEIN, 2005, p. 490). Um único líder, por exemplo, poderá ser o portador de vida para a sua comunidade. Contudo, se ele vem a faltar, ela corre o risco de se desfazer ou se mantém unicamente ao exterior, como as agrupações que se formam unicamente pelas circunstâncias. Após a investigação, é possível apontar os resultados para os questionamentos levantados.

### 5 Considerações finais

Em *Indivíduo e Comunidade*, com rigor fenomenológico, Stein ofereceu um suporte para a compreensão das relações intersubjetivas. Nas formas de socialização, o ente humano convive com seus semelhantes a partir de *formas mistas*. Essas estruturas podem ser passageiras ou podem continuar existindo: um indivíduo pode viver em uma comunidade somente durante as horas em que passa junto ao grupo. Também poderá viver em sociedade sem deixar de possuir laços comunitários. A sociedade

possui uma estrutura racional, ao contrário da comunidade, que se estrutura de forma orgânica – na relação recíproca entre os indivíduos. Na massa, ao contrário, seus membros compartilham do mesmo espaço por formas de contágio psíquico – não possuem uma atitude recíproca. Portanto, para Stein, o ideal é que a sociedade possua uma base comunitária.

Graças à peculiaridade de seus elementos, pode-se afirmar que a comunidade possui uma corrente de vivências e um conteúdo comum, que passa por diversas oscilações qualitativas dentro de sua unidade. Por meio de uma entrega ingênua, os sujeitos ampliam suas correntes vitais, sem perder seu caráter monádico. A motivação, lei do espírito, faz com que as vivências comunitárias se conectem, bem como as tomadas de posição, das quais nascem os valores.

Consoante a isso, cada um experimenta não só uma ampliação da vida de seu eu, mas também da corrente de vivência comunitária. É pressuposto que a comunidade se compõe de pessoas livres, e que cada uma delas, por meio de seu *fiat!*, possua consciência de sua importância na comunidade. Por sua forma orgânica, ela dependerá de seus indivíduos e da peculiaridade de cada um. Pode-se afirmar também que ela possui uma energia vital e um núcleo, que, a partir de seus membros, lhe confere um caráter e, quanto mais numerosos sejam seus portadores de vida, tanto mais sólida e vigorosa ela será. Outra fonte de energia também poderá provir das *objetividades* criadas pelos indivíduos, as quais nutrem e impulsionam a comunidade a produzir novas energias.

Cada membro, com sua singularidade, contribuem de diversas maneiras com o todo ao qual pertence. Há indivíduos portadores de vida para a comunidade, porém há também aqueles que não possuem energia suficiente para alimentá-la. Há os que mais recebem do que oferecem; há também aqueles que possuem vigorosa energia, mas que nunca compartilharam com os demais. Contudo, todos os indivíduos, por meio dos *valores*, são capazes de alimentar com suficiente energia vital a comunidade. O *amor* com que eu acolho meu semelhante o preenche de novas energias, o motiva a seguir também amando. O ódio e a desconfiança, ao contrário, inibem suas forças, cerra as portas de seu interior, fazendo com que ele não produza (e receba) novas energias. Nesse sentido, pode-se afirmar, conforme Stein (2002), que sem um mínimo ato de amor nenhuma comunidade poderá se constituir.

É somente na comunidade que o indivíduo poderá alcançar uma verdadeira formação. Como se viu, por meio das relações genuinamente comunitárias, o indivíduo não só amplia a vida de seu eu, como também recebe novas energias quando a sua fracassa. O contato vivo com um indivíduo (ou com vários indivíduos) também poderá fazer com que se despertem suas disposições originárias. Nenhum ente humano se forma sozinho, mas na relação e na cooperação com seus semelhantes. Contudo, uma genuína formação nunca dependerá somente da comunidade (com seus instrumentos de formação), mas principalmente da pessoa: de sua singularidade e de sua liberdade.

### *Referências*

BELLO, Angela Ales. *Pessoa e Comunidade*. Comentários: Psicologia e Ciências do Espírito de Edith Stein. Tradução de Miguel Mahfoud e Ir. Jacinta Turolo Garcia. Belo Horizonte: Ed. Artesã, 2015. 160 p.

BELLO, Angela Ales. *A fenomenologia do ser humano: traços de uma filosofia no feminino*. Tradução de Antonio Angonese. Bauru, SP: Edusc, 2000. 287 p.

STEIN, Edith. *La Estructura de la persona humana*: Tradução do original alemão (*Der aufbau der menschlichen person*) por José Mardomingo. Madrid, Espanha: Biblioteca de autores cristianos, 2002. 201 p.

\_\_\_\_\_. *Obras completas, II: Escritos filosóficos. Etapa fenomenológica*. Bajo la dirección de Julen Urzika y Francisco Javier Sancho. Traduzido do alemão por Constantino Ruiz Garrido e José Luiz Caballero Bono. Madrid, Espanha: Monte Carmelo, 2005. 949 p.